

[STÉPHANE MALYSSE]

Antropólogo visual, artista multimeios e professor de Artes e Antropologia na EACH/USP. Doutor em Antropologia Social pela École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS/Paris), com pós-doutorado pelo Departamento de Multimeios do Instituto de Artes da Unicamp. Pesquisador associado do departamento de Antropologia da Goldsmith (Londres) e colaborador do Fórum Permanente (ECA/USP). Autor de *Diário acadêmico* (Estação das Letras e Cores, 2008).
E-mail: opuscorpus@terra.com.br

Orlan e a sutura entre Moda e Design

[52]





Vestir-se da sua própria nudez

Exibir-se através de obras reconhecidas ainda é atuar sob a máscara, deixar-se cair na armadilha da fantasia.

E, como a máscara é indispensável à Sua ação, e à sua Sobrevivência, que ela torna socialmente possível o cumprimento do Seu processo, por que não ir mais longe na sua lógica revestindo uma máscara da Sua própria imagem?

Se recusamos de forma violenta ao artista a realidade da Sua pele nua e a presença imediata do Seu corpo, a representação deste mesmo corpo é, ao contrário, tolerada (as ações preparadas sobre este tema revelam quais são os limites sobre os quais essa tolerância se apoia).

Só lhe resta, então, vestir-se da imagem exata da Sua própria pele. A imagem ou mais exatamente a reprodução do Seu corpo nu torna-se vestimenta e salvo-conduto.

Orlan, *Le récit*.

(Tradução de Stéphane Malysse)

Nas sociedades primitivas, as práticas de inscrição corporal, as pinturas e composições sutis dos índios caduveo que Claude Lévi-Strauss descreve em seu livro *Tristes trópicos* (2000), são práticas que culturalizam o corpo e anunciam uma passagem à escrita da cultura no corpo. Na sua obra, a artista francesa Orlan propõe uma inversão radical, ela desculturaliza o seu próprio corpo, transformando esses ritos de passagem da inscrição corporal em ritos de ultrapassagem, de escrita autobiográfica de si. Nos seus novos rituais de metamorfose em obra de arte, Orlan reintegra as iconologias da feminilidade em diversas culturas e mescla os padrões de beleza às suas auto-hibridações. Para Orlan, o corpo é uma roupa, cujo design deve ser reciclado e repensado.

Convidada a colaborar com o SymbioticA — laboratório de pesquisa colaborativa de artes e ciências da Universidade da Austrália Ocidental, em Perth —, Orlan experimenta na sua própria pele esta ideia de hibridação autocentrada e aplica o conceito lacanianiano de sutura à sua parte mais profunda, a pele, passando de uma arte carnal a uma arte viva. Em *O manto de Arlequim* — instalação midiática concebida durante sua permanência no SymbioticA e exibida na Bienal de Artes Eletrônicas de Perth em 2007 —, Orlan coloca em cultura biológica um pedaço da pele com células da pele de um marsupial e de uma mulher de pele negra; esse híbrido celular é, em seguida, reintegrado ao corpo de Orlan. Dessa experiência biológica nasce uma escultura multimídia na qual um biorreator conserva viva essa nova pele e, colocando-se em cultura, Orlan descobre que a hibridação é a norma, o monstro híbrido é o normal. Esse trabalho inaugurou uma nova fase de colaborações na obra de Orlan. Transformando a experiência biológica em conceito artístico, Orlan se abre aos campos da Moda e do Design, que também modificam as aparências corporais. No lugar do marsupial e da mulher da pele negra, o estilista e o designer entram "na segunda pele" d'Orlan e hibridam e reciclam o seu guarda-roupa.

Orlan trabalha com a Moda e com o Design, abordando os temas da sutura, da hibridação, da reciclagem e da laicidade. Em toda a sua obra, Orlan tenta quebrar as fronteiras entre as gerações, os gêneros, os sexos, entre as diversas práticas artísticas e outras fronteiras existentes entre criatividade e criação. Sua obra abre-se às porosidades que existem entre essas diversas temáticas.

Se para Jacques-Alain Miller a sutura é uma espécie de fantasia da totalidade, um desejo de unir o que não se pode juntar, Orlan inventa uma sutura artística que faz eco a esse processo inconsciente de fusão. Interdisciplinar e interativo, as intervenções de Orlan obrigam o público a repensar essas inter-relações. Para Orlan, a pele é um espólio cujo design se modifica à vontade e, a partir da sua segunda pele (seu guarda-roupa), Orlan passa da cirurgia plástica como meio artístico à Moda e ao Design como formas artísticas de reciclagem de uma obra tão carnal quanto conceitual.

SAIBA MAIS

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

www.symbiotica.uwa.edu.au

www.orlan.net